

# 1 O PROGRAMA ALFABETIZAR(SE)

Ozír Tesser<sup>1</sup>

## 1.1 A Concepção do Programa Alfabetizar(se)

Quando alguns professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará se reuniram com a intenção de organizar um grupo de alfabetizadores para colaborar na diminuição do analfabetismo no Ceará, entenderam que era importante registrar essa experiência, seus êxitos e percalços, descrevendo os caminhos percorridos, como forma de comunicação instrutiva e formativa. Isto poderia ajudá-los a ver mais claro a complexidade da questão e, ao mesmo tempo, poderia ser útil a outros tantos esforços que a sociedade brasileira vem fazendo para minorar o grave problema do analfabetismo no Brasil.

Este empreendimento, que envolveu a equipe de professores durante cerca de um ano e meio, exigiria tempo e dedicação que iriam tirá-los das ocupações diárias e lazeres, individuais e familiares. Eram cinco professores da Faculdade de Educação da UFC, quatro aposentados e um na ativa, que tomaram a iniciativa de conceber e coordenar esta ação educativa. Para eles é muito claro que estas ações de alfabetização de jovens e adultos não podem solucionar um problema crônico da sociedade brasileira, cujas causas já estão suficientemente elucidadas nos estudos e pesquisas sobre o assunto. Tratam-se, portanto, de ações necessárias e justas, mas insuficientes para a solução do problema. Tem-se clareza de que o analfabetismo é um produto gerado por uma série de causas sociais, políticas e culturais. Em sua parte educacional é produzido pela frágil, ineficiente e injusta garantia de acesso e permanência de nossas crianças

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Faculdade de Educação da UFC, Doutor em Sociologia, pela Universidade de Paris X (Nanterre).

e jovens no sistema educacional. Enquanto este problema não for resolvido, novas levas de analfabetos virão substituir os adultos alfabetizados. Podemos considerar que a fonte principal do analfabetismo está na baixa qualidade da escola fundamental. E a baixa qualidade da escola fundamental decorre de muitas causas, mas, com certeza, o nível de retribuição salarial dos professores, praticado na imensa maioria das escolas brasileiras, é a sua causa principal. Neste ponto divergimos da imensa maioria de opiniões que apontam como causa principal a deficiente formação dos professores. É notória a importância da qualificação dos educadores, assim como o compromisso deles com a profissão. Entretanto, os baixos níveis salariais praticados, sobretudo nos municípios interioranos do nordeste, não permitem recrutar e dar as condições para uma escola de qualidade. Não cabe aqui aprofundar a questão, mas fica o registro.

Este trabalho, portanto, consistiria apenas em contribuir para atenuar um flagelo social e, na medida de suas forças, contribuir para encontrar os caminhos didático-pedagógicos mais pertinentes para solucioná-lo. Como universitários era dever pôr em prática o que na academia se diz, se estuda e se produz como mais avançado na arte de educar.

É neste contexto que se reuniram e decidiram inscrever no "Programa de Apoio à Extensão Universitária, voltado às Políticas Públicas", lançado pela Secretaria de Ensino Superior do MEC (SESu/MEC) que, através das Pró-Reitorias de Extensão das Universidades Federais, lançara em 10 de julho de 2003 um chamado à inscrição de 30 programas e 50 projetos de extensão universitária que seriam financiados pelo Ministério de Educação. Cada Universidade poderia se candidatar dentro de uma escolha seletiva de temáticas a dois programas e a dois projetos.<sup>2</sup> O edital da SESu definia quatro temas de abrangência possíveis:

---

<sup>2</sup> Os considerados programas receberiam um financiamento de até R\$100.000,00 e os "Projetos" de até R\$30.000,00.

Temas:

- 1 – Tema prioritário: Alfabetização de jovens e adultos, locais e regionais.
- 2 – Políticas de promoção social: atenção integral à família, erradicação do trabalho infantil, combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes, juventude e desenvolvimento social, atenção à pessoa idosa, atenção à pessoa portadora de deficiência, populações indígenas e quilombolas.
- 3 – Articulação com a educação básica por meio de elaboração de cursos de educação continuada e produção de material pedagógico para professores em exercício nas redes públicas, priorizando a alfabetização e o letramento.
- 4 – Formação e educação permanente de pessoal para o sistema educacional.

O programa Alfabetizar(se) cobria claramente ao menos três dos temas elencados pelo Ministério: a alfabetização de jovens e adultos, a articulação com a educação básica e a formação e educação permanente de pessoal para o sistema educacional.

Na Universidade Federal do Ceará várias candidaturas deram entrada na Pró-Reitoria de Extensão que as remeteu para seleção à SESu. O programa de ação integrada “Alfabetização de jovens e adultos e formação de alfabetizadores” foi aprovado pela SESu recebendo um financiamento de R\$ 78.000,00. Esta soma cobriu despesas de bolsas aos alfabetizadores, no valor mensal de R\$ 241,50, durante seis meses, e o material de consumo. É importante assinalar que o programa cobria financeiramente todo o material didático, inclusive assinatura de jornais, estimado num valor de R\$ 34.000,00.

Como exprime o título do programa o objetivo era duplo: alfabetizar 500 jovens e adultos da região metropolitana de Fortaleza e formar 30 alfabetizadores dentre alunos dos cursos de licenciatura do Centro de Humanidades e da Faculdade de Educação da UFC, ou egressos destes cursos que fossem professores da rede pública (municipal ou estadual).

A alfabetização de jovens e adultos tem sido definida como um dos objetivos prioritários do governo Lula, e pretende, através de vários programas de âmbito nacional baixar significativamente, senão extinguir, o problema. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – 1996, IBGE, Rio de Janeiro, volume 18, o analfabetismo atinge, no Brasil, 16 milhões de pessoas de 15 anos e mais, verificando-se no Nordeste um percentual de cerca de 30% (o mais elevado do país). A mesma fonte revela que essa região apresenta a média mais baixa de 3,9 anos, com relação aos anos de estudo da população de 10 anos ou mais de idade. O estado do Ceará possui 1,3 milhões de analfabetos. Na cidade de Fortaleza, 180 mil jovens e adultos não sabem ler e escrever. Conforme expresso no “Plano Nacional de Educação – A Proposta da Sociedade Brasileira” caberá sobretudo às universidades, na perspectiva do cumprimento de sua função social, participação ativa e comprometida no processo de preparação dos educadores e na elaboração de materiais pedagógicos e de apoio, além de contribuir, pela pesquisa, para a produção e sistematização de conhecimentos na área.

## 1.2 O Suporte Institucional

O programa Alfabetizar(se) teve, portanto, como suporte institucional a Secretaria de Ensino Superior do MEC, a Pró-Reitoria de Extensão da UFC, a Faculdade de Educação da UFC através de seus conceptores e coordenadores Dra. Inês Mamede, as professoras mestras aposentadas Maria Teresa Albuquerque Guimarães, Mercedes Capelo Alvite, Rosemary Conti, o Dr. Ozir Tesser e o apoio do núcleo local da Rede Unitrabalho. Além destes quadros contamos com a colaboração significativa de Rita Accioly Tesser e Gerlaine Belchior Amaral.

O suporte institucional foi ampliado através da indispensável colaboração de quase duas dezenas de entidades –

associações, sindicatos, escolas e empresas – que ofereceram os locais dos cursos, ajudaram no recrutamento dos alfabetizandos, e por vezes, ajudaram na merenda escolar. A constituição dos grupos de jovens e adultos e o estabelecimento de parcerias foram iniciados tão logo o programa foi aprovado para compor o Programa de Apoio à Extensão Universitária voltado para as Políticas Públicas – (PROEXT, 2003), com a intermediação de órgãos de comunicação da própria universidade. Estes passaram a emitir *releases* para estações de rádio Am/Fm de Fortaleza que prestaram sua colaboração. Foram feitas chamadas freqüentes pela Rádio Universitária, reforçadas por contactos da coordenação do programa, seguidos de visitas a entidades representativas do movimento social organizado (sindicatos, cooperativas, associações profissionais, comunitárias e ONGs). As visitas e as chamadas visavam esclarecer os objetivos do programa, a organização das turmas e condições de funcionamento, inclusive quanto à contrapartida, isto é, solicitava-se que as entidades interessadas oferecessem local adequado para as aulas e, se possível, uma merenda, considerando que parte dos educandos vinha de uma jornada de trabalho. Entretanto, todo esse esforço no sentido de mobilizá-las para colaborar na identificação de potenciais alfabetizandos e constituição das turmas, não obteve o retorno esperado. Mesmo considerando que a divulgação obteve relativo êxito com a adesão inicial de quase duas dezenas de entidades dispostas a constituir grupos de alfabetizandos para funcionar ainda em 2003, o atraso no repasse dos recursos pelo MEC/SESu provocou o adiamento do início do programa para janeiro de 2004. Este fato fez com que muitas entidades “potenciais parceiras” partissem na frente e fizessem acordo com outros programas de alfabetização, a exemplo do “Brasil Alfabetizado”, financiado com recursos do MEC/FNDE. Em outros casos, os interessados perderam o estímulo diante da demora, agravada pela ausência das condições físicas e materiais necessárias ao adequado

funcionamento das turmas, como a inexistência de vale-transporte e de merenda, e também pela chegada das chuvas que atingiu principalmente os grupos de periferia urbana que, mesmo precariamente, vinham funcionando.

Como foi mencionado, o programa Alfabetizar(se) respondia a uma necessidade premente da realidade educacional cearense em seus dois aspectos maiores: ajudar na alfabetização de jovens e adultos e formar alfabetizadores segundo as mais avançadas concepções que a pesquisa vinha confirmando no terreno filosófico e didático-pedagógico. Há que se ter presente que o programa Alfabetizar(se) não representa, no conjunto dos esforços empreendidos pelas universidades e pelas secretarias estaduais e municipais de educação através de seus programas habituais de educação de jovens e adultos, assim como por outras entidades, senão uma gota de água. Entretanto, a nosso ver, a grande contribuição consistiu em pôr na prática uma nova e sólida concepção de alfabetização, como se verá em seguida.

### **1.3 A Matriz do Programa Alfabetizar(se)**

Os professores coordenadores, de forma metódica e coordenada, empreenderam a junção das contribuições da filosofia pedagógica de Paulo Freire com os avanços da psicogênese da língua escrita formulados sobretudo pelas pesquisas e estudos de Ana Teberosky e Emília Ferreiro. É importante assinalar aqui alguns traços da importante e rica contribuição destes autores.

De Paulo Freire, cujos escritos são abundantes e de repercussão mundial, procurou-se aprofundar a compreensão da alfabetização como direito do cidadão moderno, como instrumento de libertação e de inserção na sociedade. A aprendizagem da leitura e da escrita como meios e não como fim da ação educacional. Sua formulação básica é de que a leitura do mundo, a leitura da história é o objetivo da

leitura da palavra. A preocupação freireana de alfabetizar conscientizando para a vida, para o aprimoramento do senso artístico, foi uma constante na escolha dos temas e do material didático-pedagógico. Desde o início da alfabetização, os textos escolhidos deveriam ser portadores de sentido social, para que o jovem e o adulto fossem imediatamente introduzidos na função primordial da leitura e da escrita. A satisfação com que os alfabetizados começam a desvendar este mundo novo da escrita, para eles e para os alfabetizadores é muito gratificante, e cenas de emoção e alegria são freqüentes em salas de aula.

As descobertas científicas de Ana Teberosky e Emília Ferreiro sobre a aprendizagem da língua escrita correspondem com mais rigor e profundidade às concepções de Paulo Freire do que a abordagem tradicional mais centrada na língua escrita e no professor. As pesquisas da psicogenética liberaram a ação educativa das concepções formalistas centradas na lógica interna de sons e grafemas, famílias silábicas e escolhas formais que mantinham o foco do ensino na lógica teórica da língua. Esta concepção era apreciada e utilizada pelos alfabetizadores porque trazia mais segurança e controle do ensino pelo professor. A certeza de que havia uma certa ordem na disposição dos elementos gráficos trazia a falsa impressão de que era naquela ordem que se dava o aprendizado. A psicogênese da língua escrita mostra como vivendo mergulhado num universo onde as letras e as palavras escritas estão por toda a parte, o analfabeto, por força deste ambiente é levado a elaborar hipóteses sobre o funcionamento da representação escrita da linguagem. Estar atento a estas estratégias pessoais e servir-se deles para aprender a ler é o esforço principal. Isto o obriga a deixar de lado esquemas formais preestabelecidos e a buscar a lógica de quem aprende. Este esforço desloca o foco, que antes estava voltado para o ensino, para o foco da aprendizagem. Estas concepções se coadunam melhor com a visão de Paulo Freire dando

prioridade à descoberta pessoal e à criatividade de cada alfabetizando. Ao mesmo tempo o texto portador de sentido torna-se o foco das atenções. No centro da concepção psicogenética está, portanto, a compreensão de que cada aprendiz, ainda mais jovem ou adulto, vive imerso num mundo onde a escrita está por toda a parte e que, por isto, cada indivíduo elabora por conta própria sua explicação de como o que é falado é representado na escrita. Entender suas elocubrações, suas hipóteses e seus estratagemas permite elaborar um caminho mais condizente com a fase em que se encontra cada indivíduo. É claro que isto torna inútil ou impossível ao professor utilizar formas homogêneas de ação pedagógica que partiriam do princípio de que toda a classe está necessariamente no mesmo nível (iconográfico, pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético) segundo as várias etapas elencadas pela psicogênese da língua escrita. Em resumo, passa-se da preocupação dominante nas formas tradicionais de “como se ensina” para a compreensão de “como se aprende” o sistema de representação da língua escrita. Ou, dizendo de outro modo, ao pensar como ensinar, ter-se-á em conta o como se aprende.

O uso de materiais escritos portadores de sentido é fundamental para permitir uma passagem eficaz pelos processos de alfabetização e de letramento, entendendo este último como o estado em que o indivíduo não somente sabe ler e escrever mas “[...] faz uso freqüente e competente da leitura e da escrita.” (SOARES, 1988). Assim desde o início o material de alfabetização explora, segundo a motivação dos alfabetizandos e a imaginação e criatividade do alfabetizador, frases, textos, anúncios de jornal, cartas de amigos, avisos públicos, bilhetes de amor, bulas de remédios, reclames publicitários, mapas, tabelas, horários, canções e poesias etc.

## **1.4 As Operações para a Implantação do Programa Alfabetizar (se)**

Uma vez aprovado o programa e assinado o convênio com a SESu/MEC, desencadeou-se uma série de providências urgentes desde que o financiamento exigia no edital que todas as despesas fossem empenhadas até a data de 31/3/2003 e que a ação tivesse a duração de seis meses.

Quatro ações prioritárias moveram a equipe coordenadora nesta fase. Ao mesmo tempo que se fazia uma série de estudos sobre o suporte teórico-metodológico a fim de que a equipe estivesse bem amalgamada nas concepções e nos princípios da ação pedagógica, foi feito o levantamento e a compra do material didático pedagógico no valor de R\$ 34.000,00, elaborou-se um edital para a seleção dos alfabetizadores, definiu-se a data e o programa de formação intensiva dos mesmos e fixou-se o início dos seis meses de alfabetização. O início da alfabetização foi fixado para janeiro de 2004. Não havia mais tempo hábil para se começar no final do ano de 2003. Além da formação dos alfabetizadores era necessária a mobilização para o recrutamento dos alfabetizando através da colaboração de sindicatos, associações, escolas e empresas.

## **1.5 A Seleção dos Alfabetizadores**

O programa Alfabetizar(se) pretendia através da seleção e formação de 30 universitários alfabetizar 500 jovens e adultos da região metropolitana de Fortaleza. A ação duraria 6 meses, com aulas de duração de 3 horas por dia, 4 dias da semana, perfazendo um total de cerca de 300 h/a. A seleção dos alfabetizadores foi realizada através de um edital (confira em anexo) dirigido a candidatos universitários dos cursos de licenciatura do Centro de Humanidades e da Faculdade de Educação da UFC, ou egressos destes cursos que fossem professores da rede pública municipal ou

estadual. Este requisito preenchia uma das diretrizes do PROEXT 2003/SESu-MEC que fazia em seu edital a exigência de que o programa tivesse natureza acadêmica, nos seguintes sentidos: indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, atribuição de créditos acadêmicos<sup>3</sup>, tutoria e avaliação e interdisciplinaridade.

O objetivo do Alfabetizar(se) era selecionar 30 alfabetizadores para 25 turmas de, no máximo, 20 alunos em cada uma delas. Cinco dos alfabetizadores se dedicariam ao apoio pedagógico e a eventuais substituições. Os alfabetizadores receberiam uma bolsa de R\$ 241,50 por mês, durante seis meses, perfazendo no orçamento um total de R\$ 43.470,00.

Abertas as inscrições, se teve a grata surpresa de ver inscritos como candidatos 168 alunos universitários. Selecionou-se numa primeira fase 45 candidatos através do exame de currículo e prova escrita, para em seguida, numa segunda fase, através de entrevista individual, selecionar os 30 alfabetizadores. A diversidade do perfil dos candidatos foi bastante rica, pois se tinha alunos dos cursos de Pedagogia, Letras, Ciências Sociais, Educação Física, História e Psicologia.

## 1.6 A Formação dos Alfabetizadores

A formação dos alfabetizadores constituiu-se num dos objetivos centrais do Programa Alfabetizar(se). Esta é a missão principal da universidade e por isto um dos requisitos do edital da SESu/MEC era a "formação e educação permanente de pessoal para o sistema educacional."

Esta formação foi concebida sob duas modalidades: formação intensiva antes de começar o trabalho de alfabe-

---

<sup>3</sup> Foram atribuídos 8 créditos em duas disciplinas do curso de Pedagogia: Alfabetização de Crianças, Jovens e Adultos e Projeto Especial I, cada uma com 4 créditos.

tização e formação continuada, durante os oito meses de duração do programa. A formação intensiva foi realizada durante três semanas (3 a 21/11/03) de 2ª a 5ª feira, das 18h30 às 21h30. Este horário permitia conciliar com as atividades universitárias dos alfabetizadores e coincidia com os horários durante os quais eles deveriam estar disponíveis para as aulas de alfabetização. A formação continuada consistiu, fundamentalmente, num encontro semanal às quintas-feiras, durante os oito meses de duração dos cursos de alfabetização, das 18h30 às 21h30. É importante assinalar que a formação intensiva foi o marco diferencial que mostrou o entusiasmo e a coesão do grupo em busca das melhores teorias e apoios pedagógicos para os novos alfabetizadores. Em outro momento se discorrerá mais detalhadamente sobre estas três semanas decisivas na moldagem das concepções e do espírito que deveria prevalecer durante toda a atividade de alfabetização. Este espírito estava expresso nos objetivos definidos pelo programa Alfabetizar(se). Levar os alfabetizandos a uma prática reflexiva voltada: a) à compreensão da importância da leitura e da escrita na "leitura do mundo" para participar na construção de uma sociedade justa e fraterna; b) ao exercício da cidadania, da autonomia, do desenvolvimento da auto-estima e do reconhecimento de direitos; c) a um processo de alfabetização que lhes permita a apropriação de diferentes práticas sociais de leitura e de escrita, dando-lhes oportunidade de conviver com os diversos tipos de texto.

O curso intensivo buscou em sua estrutura colocar os alfabetizadores num clima próximo àquele que eles encontrariam nas salas de aula. A atenção carinhosa às pessoas em suas dificuldades, a compreensão em face das resistências, do entusiasmo diante das descobertas e, sobretudo o cultivo da auto-estima. Talvez este último aspecto tenha sido um dos pontos da formação que mais tenha sido lembrado pelos formadores em face dos frequentes desânimos dos alfabetizandos diante das dificuldades.

As três semanas de formação intensiva focaram os principais pontos da alfabetização e do letramento: a troca de saberes, a importância da história de vida, o ato de ler e escrever, a cidadania, o espírito de luta e de solidariedade, os princípios da filosofia pedagógica de Paulo Freire, os princípios da psicogênese da língua escrita e, por fim, o planejamento das aulas de alfabetização.

O clima entre os coordenadores e os 30 alfabetizadores foi excelente e deixou, no relato de avaliação individual e coletiva, as marcas de uma ação exitosa e prazerosa como se pode ler no capítulo 4.

A formação continuada prosseguiu durante os oito meses de duração do programa. Todas as quintas-feiras das 18h30 às 21h30 fez-se reunião pedagógica para avaliar, corrigir, aprofundar e preparar as aulas. Estes encontros serão também melhor analisados adiante, mas é importante assinalar que foram neles onde as questões do dia-a-dia de sala de aula eram discutidas. Aliada à visita que os coordenadores, em entendimento com os alfabetizadores, faziam às salas de aula, esta formação continuada mostrou-se indispensável para solidificar boas práticas, corrigir velhos hábitos e trocar experiências. Embora não sem conflitos de concepção e de tensão entre teorias e práticas, esta ação mostrou-se muito útil e mesmo insubstituível para um programa que visava a formação de alfabetizadores.

## **1.7 A Organização dos Grupos de Alfabetizandos**

O que parecia óbvio ao lançar o programa, isto é, que não se teria grandes dificuldades para reunir 500 jovens e adultos analfabetos ou quase alfabetizados da região metropolitana de Fortaleza, foi uma grande surpresa.

Terminado o curso de formação intensiva em 21 de novembro de 2003, e tendo em vista a proximidade das festas natalinas decidiu-se marcar o início das aulas para 5 de janeiro próximo. A vasta rede de interessados na ação

como associações, sindicatos, empresas, organismos e escolas foram colocados a par da atividade e solicitadas a participar ajudando no recrutamento, na oferta de locais para os cursos para três dias da semana (2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> feira) e, na medida do possível, na oferta de lanche. É importante assinalar o esforço e a dedicação dos próprios alfabetizadores em contactar organismos, recrutar alunos e organizar turmas.

Não se imaginava que seria encontrada tanta dificuldade em organizar as turmas. Durante todo o período de duração do programa este foi um problema constante. Não foi desde o início que se conseguiu fazer funcionar as 25 turmas programadas. As turmas constituídas apresentavam-se bastante heterogêneas e com número muito inferior ao limite máximo, por turma, de 20 alunos que se havia definido. De fato, a média ficou próxima de 10 alunos por turma, sendo que havia turmas que funcionaram com três ou quatro alunos. Assim é que, ao final do programa, atingiu-se apenas cerca de 250 alunos, a metade do público que se pretendia atingir.

Esta dificuldade no recrutamento dos alunos a serem alfabetizados, apesar das múltiplas parcerias estabelecidas, tem alguma explicação. É grande o número de jovens e adultos analfabetos ou iletrados na região metropolitana de Fortaleza, como já foi dito, cerca de 180 mil só de analfabetos. Dentro do esforço que vem sendo empreendido pelo Ministério da Educação, no governo Lula, vários programas e inúmeras entidades têm-se mobilizado para alfabetizar esta população. Em geral, com uma estrutura menos exigente que a nossa, em termos de formação do pessoal e recrutando alfabetizadores do local, elas têm ocupado um espaço razoável nos bairros e periferia. A própria concepção de ensino da leitura e da escrita aliando a pedagogia de Paulo Freire, a psicogênese da língua escrita, e o letramento a partir da utilização de portadores sociais de texto exige um investimento maior na formação dos alfabetizadores.

É preciso também lembrar que a quase totalidade dos analfabetos fazem parte dos segmentos mais pobres da população e que, freqüentemente, não têm emprego e apenas ocupações esporádicas, devendo procurar diariamente seu sustento. O fato do programa não dispor de meios financeiros para custear o vale-transporte, e de não ter recursos próprios para servir um lanche para restaurar as forças, tem-se mostrado como uma dificuldade suplementar para assegurar a presença e a assiduidade dos alunos. O próprio estigma de ser analfabeto, na cidade, às vezes inibe a presença deles nos cursos.

Estas dificuldades não arrefeceram o entusiasmo dos alfabetizadores. Nas reuniões pedagógicas semanais, podia-se sentir o quanto se mostrava gratificante a ação destes jovens. Talvez a citação do relato de um dos alfabetizadores, extraído de seu relatório final, dê uma noção mais precisa do que significou para eles este trabalho de recrutamento:

Tomei a iniciativa de formar turmas do curso Alfabetizar(se) no bairro em que resido(...) Parti então para escolher um local para instalar o curso. Fiz um contacto inicial com um comerciante do bairro(...) que se sensibilizou com a proposta do curso(...) O local de matrícula e de aula seria na própria loja, também ficou acertado uma divulgação do curso concomitante com a divulgação (propaganda) no carro de som da loja feita diariamente pelo bairro(...) Então preparei cartazes e espalhei pelo bairro e fiz um grande anúncio em cartolina para divulgação na loja. Mesmo com estas estratégias, não atingimos o objetivo de fazermos os alunos se dirigirem à loja para se matricularem(...) Decidi ir em busca dos alunos e fui para o campo fazer a divulgação boca a boca e matricular os alunos, mas continuando com as matrículas na loja. Um colega conseguiu me entregar uma relação com 10 pessoas analfabetas que havia cadastrado devido a um trabalho que os agentes de saúde do bairro estavam fazendo em virtude do mapeamento do analfabetismo a pedido da Secretaria Municipal de Caucaia (região

metropolitana de Fortaleza). Nessa estratégia considerei ter mais êxito, obtendo em torno de 30 matrículas, depois de 3 semanas de sol a sol e quilômetros rodando de bicicleta pelo bairro. Observei que “ter a identidade de Ser Analfabeto” não é fácil de ser assumida. Assim, procurei abordar as pessoas com o cuidado de mostrar que seria um curso voltado para as pessoas jovens e adultas que não estudaram ou abandonaram a escola cedo, para aprender a ler e escrever, com todo o material gratuito(...) Dos 12 alunos que matriculei para o turno da tarde só compareceram 2 alunos e terminou a semana inicial com 3 alunos(...) Fazendo um balanço final, passaram pelo curso 11 alunos mas somente 4 alunos ainda permanecem atualmente, às vésperas de concluirmos. (Reginaldo).

Este relato, apesar de longo, traz de certa forma o clima em relação à dificuldade de agrupar os analfabetos em cursos mesmo de qualidade, mas desprovidos de condições materiais que respondam à natureza deste tipo de atividade. Em resumo, não basta que os cursos sejam gratuitos, o material didático gratuito, e os professores de boa qualidade. Algo mais deve ser pensado para responder as condições em que vive esta população.

## **1.8 Os Desdobramentos**

O programa foi coordenado por uma equipe de seis professores, cinco ligados à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e uma pedagoga voluntária. Teve ainda a contribuição de duas professoras colaboradoras. O acompanhamento foi exercido através da formação intensiva de três semanas, através das reuniões semanais com todos os alfabetizadores durante todo o período de duração do programa, e através de visitas programadas às salas de aula em entendimento com os alfabetizadores.

Além destas atividades que se mostraram absolutamente necessárias, organizou-se durante o Encontro Anual dos Alunos de Extensão da UFC, a apresentação do programa Alfabetizar(se), quando foi elaborado um roteiro para que todos os alfabetizadores pudessem expor ao público as concepções e práticas do Alfabetizar(se). Este exercício mostrou-se muito fecundo porque permitiu a cada um dos alfabetizadores uma revisão do conjunto das teorias e ensinamentos vivenciados durante o programa. Mesmo para nós coordenadores o desempenho dos alfabetizadores revelou a riqueza de assimilação e criatividade com que exerceram o seu papel. Esta atividade de apresentação pública do programa foi, junto com a apresentação do mesmo pelos coordenadores, sintetizada em um CD Rom, a fim de deixar o registro da experiência.

## 1.9 Os Resultados

Os resultados do programa Alfabetizar(se) devem ser analisados em relação às suas intenções iniciais e à sua repercussão no conjunto de pessoas que dele participaram.

No que se refere à tarefa de alfabetização de jovens e adultos da região metropolitana, pode-se avaliar como tendo atingido seu objetivo de alfabetizar, em cerca de 300 horas/aula a jovens e adultos. Os níveis de alfabetização atingidos para os propriamente analfabetos que se encontravam em fase pré-silábica pode-se considerar satisfatório. Entretanto a duração de 300 horas/aula não tem-se mostrado suficiente para assegurar um mínimo de letramento que pudesse permitir a autonomia na prática da leitura e da escrita. É preciso observar que esta avaliação é uma apreciação que decorre de nossa observação e dos formadores e não fruto de instrumentos de avaliação mais rigorosos. Para os jovens e adultos em fase silábica e silábico-alfabética a alfabetização se dá de forma mais consistente. É importante que se diga também que o nível de eficiência decorre em grande parte

da determinação e vontade de aprender, que varia de pessoa a pessoa.

Em relação ao número de analfabetos ou quase alfabetizados que o programa atingiu, as dificuldades acima apontadas levaram a que apenas cerca da metade dos efetivos fossem atingidos.

No que concerne a um dos objetivos centrais do programa, a tarefa de formação de alfabetizadores, avalia-se como plenamente atingido o objetivo. Tendo em vista as dificuldades em constituir turmas, pode-se considerar o alcance deste objetivo como o resultado mais forte do Alfabetizar(se). Talvez valesse a pena assinalar a avaliação dos próprios alfabetizadores:

Todo o processo para mim tem sido de uma riqueza singular. (...) É extremamente gratificante colaborar com esse projeto que visa não somente fazer com que adultos decodifiquem palavras mas se tornem conscientes do que dizem essas palavras, sejam pessoas letradas e se tornem cidadãos autônomos. (Roberta)

(...) mais do que aprender a ler e a escrever, nossos alunos aprenderam que são cidadãos capazes de ir muito além do que imaginavam. (Anna Costa)

Pelo testemunho dos alfabetizadores e pela expressão dos alfabetizados pode-se considerar que o programa Alfabetizar(se) atingiu seus objetivos. Sobre o nível de satisfação tanto dos alfabetizadores, quanto os resultados dos alfabetizados poder-se-á ler nas declarações que se verá em outros capítulos.

A questão do número de jovens e adultos atingidos, cerca de 250, ao longo dos seis meses de curso, mostrou para nós um aspecto do problema que podemos compreender em sua complexidade mas que não esperávamos. De fato, como acima dissemos, o estigma do analfabeto, o fato de pertencer às categorias mais desprovidas de recursos, a luta pela subsistência, junto ao fato de

que o programa não dispunha de auxílio transporte e auxílio alimentação, acrescentado à existência de programas massivos de alfabetização, fizeram com que somente a metade dos efetivos visados fossem atingidos. Esta dificuldade foi tão grande que, sem mudança nas condições de oferta, tornou-se impossível para a equipe se dispor a renovar o convênio com a SESu/MEC para a continuidade da ação.

O saldo de aprendizagem acadêmica dos alfabetizadores e de alfabetização e letramento dos nossos alunos nos deixa o conforto de uma ação necessária e indispensável para suprir as necessidades dos cerca de 16 milhões de brasileiros, jovens e adultos, que ainda precisam se alfabetizar.

Enfim, para não se perder o fio da história: esta ação supletiva e subsidiária da Universidade não pode esconder que somente será banido o analfabetismo no país através de uma escola fundamental de qualidade. Enquanto este problema central não for superado, novas gerações de analfabetos povoarão os rincões deste imenso Brasil.

tenho uma novidade para te contar estou aprendendo a ler e a escrever mas fico com muita saudade porque já esta perto de terminar as aulas (trecho de carta de um alfabetizando).